

SERÁ POR HQ, SERÁ NUMA LÍNGUA BÁRBARA QUE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO FALARÁ A POUCOS.*

Gisele Oliveira de Lima**

Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla é uma história em quadrinhos – HQ, produzida por um padre italiano chamado Paulo Tonucci que veio para o Brasil durante o regime militar. Essa HQ, segundo o próprio sacerdote, foi elaborada com o intuito de lembrar os dias passados em La Ceja – Colômbia, e registrar as críticas que ele e, mais ou menos, 29 participantes fizeram ao longo do curso de formação de Comunicadores de Puebla, mas que não foram incorporadas ao relatório do curso de La Ceja. Esse curso foi realizado alguns meses depois da Conferência do Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM em Puebla – México, e contou com a participação de 120 pessoas, entre padres, bispos e leigos.

Antes de adentrarmos no universo da HQ, iremos conhecer um pouco sobre o autor e, também, o contexto político-religioso o qual ele vivenciou no período em que confeccionou o material em questão.

Quem é Tonucci? E como estava a Igreja durante os anos de 1970?

Paulo Tonucci nasceu em 4 de maio de 1939, em Fano, uma cidade litorânea do nordeste da Itália. Fez o seminário na mesma cidade e, por muita insistência de sua parte, passou a integrar o projeto missionário da Igreja. Em 1965, com 26 anos, foi encaminhado para o Brasil. Seus planos iniciais, antes de sair da Europa, era ir para Argentina, só que ao chegar na periferia de Salvador muita coisa mudou e acabou se fixando na Bahia até 1993, quando retornou para Itália para tratar de um câncer que levou a morte.

Após os primeiros meses de adaptação e curso de língua portuguesa, Tonucci juntamente com Padre Renzo Rossi foram encaminhados para tomarem posse da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe. A paróquia abrangia diversos bairros como

* Parafrazeando “Será por gente que balbucia, será numa língua bárbara que o Senhor falará a este povo.” (Jer. 28,11)

** Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal da Bahia/ Bolsista da CAPES. E-mail: giseleoliveiradelima@gmail.com

Alto do Peru, Fazenda Grande, São Caetano e Capelinha de São Caetano, todos muito carentes socialmente.

No período em que Tonucci começou a trabalhar na periferia de Salvador, a cidade e sua região metropolitana vivenciavam muitas mudanças com a movimentação estudantil, transformações urbanas e industriais, repressão policial, e, mais tarde, articulação dos movimentos populares. Durante os anos de 1970, em meio ao regime militar, as ações da Prefeitura de Salvador e dos governos Estadual e Federal, no âmbito econômico e social, promoveram a expansão do sistema viário da cidade, com a incorporação de novas áreas e a construção de conjuntos habitacionais. Os investimentos do Estado em habitação e no setor industrial da RMS¹ provocaram uma dinamização no mercado imobiliário e, portanto, valorização do solo. Tudo isso afetou diretamente os sem moradia que passaram a entrar em conflito com o Estado e o mercado imobiliário.² O que oxigenou os movimentos populares em Salvador que estavam adormecidos desde os anos de 1950.

Além das transformações sociais, econômicas, políticas e espaciais que Salvador vivenciava, a Igreja passava também por inquietações de ordem teológica e política. A chegada de Pe. Paulo Tonucci ao Brasil ocorreu durante a finalização do Concílio Vaticano II, que modificou a missão social da Igreja Católica. Segundo José Oscar Beozzo (1993, p. 11), “João XXIII, e de modo particular o Concílio foram para Igreja do Brasil como águas longamente represadas se houvessem soltado, correndo livremente, abrindo e aprofundando o próprio leito”.

Os pontos de destaque para mudanças, propostos pelo Concílio, que impulsionaram a Igreja do Brasil a correr livremente foram: ênfase na missão social

¹ A Região Metropolitana de Salvador – RMS foi instituída pela Lei Complementar nº 14, de 8 de junho de 1973, como área estratégica em termos políticos e econômicos para o Brasil e, em particular, para o desenvolvimento industrial regional. Inicialmente, a RMS era composta por oito municípios, compreendendo: Camaçari, Candeias, Itaparica, Lauro de Freitas, Salvador, São Francisco do Conde, Simões Filho e Vera Cruz, sendo posteriormente incluídos dois novos municípios: Dias D’Ávila, desmembrado de Camaçari em 1985, e Madre de Deus, desmembrado de Salvador em 1989.

² Paulo Fábio Dantas Neto em seu livro *Tradição, Autocracia e Carisma. A política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)*, Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006, analisa como o prefeito e governador ACM durante o regime militar atuou no desenvolvimento e dinamização do mercado imobiliário além dos conflitos sociais de moradia. Ver também: FRANCO, Ângela Maria A. *Habitação popular e solo urbano em Salvador*. 1983. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador; e GORDILHO SOUZA, Ângela M. *Limites do Habitar*. Tese de Doutorado, FAUUSP, 2000.

da Igreja, defesa do laicato, uma maior parceria entre padres e leigos dentro da Igreja, valorização do diálogo ecumênico, desenvolvendo a noção de Igreja como o povo de Deus e modificação na liturgia, o que permitiu maior acessibilidade para os leigos nos ritos católicos (MAINWARING, 2004, p. 62). As deliberações do Concílio legitimaram tendências já existentes e que, de certa forma, impulsionaram maiores reflexões a respeito da Igreja como o povo de Deus. A respeito disso, Dom José Maria Pires, que foi arcebispo de João Pessoa - PB, afirmou que:

Sempre houve, na Igreja, teólogos, pastores e leigos que assumiram uma posição dialética, em favor dos oprimidos, mas só foi a partir do Vaticano II que essa posição tornou-se oficial e as atitudes foram sendo sistematizadas. (...) O que fez com que eu me colocasse ao lado do povo, foi o Vaticano II. (MAINWARING, 2004, p. 63)

A oficialidade da Igreja a favor dos oprimidos se resultou, também, a partir da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – CELAM, em Medellín, em 1968, que teve como objetivo debater a aplicabilidade das diretrizes do Concílio Vaticano II. Segundo Sader (1988), a CELAM reconheceu a diversidade cultural, o que admitia a presença de Deus na religiosidade popular e, dentro desta perspectiva, a Igreja passou a considerar a “salvação” como sendo “anunciada na instauração de condições de vida mais humanas. O ‘humano’ aqui não está contraposto ao ‘divino’, mas, pelo contrário, aparece como manifestações de Deus. Aqui temos a referência às carências materiais e às estruturas opressoras, embora a enunciação peça apenas o mínimo necessário e o fim dos abusos.” (SADER, 1988, p. 153).

Neste cenário de muitos conflitos e mudanças Tonucci passou a atuar no Brasil, se aproximando do Centro de Ação Social – CEAS, organizado pelos os jesuítas, organização muito atuante no processo de oposição ao Regime Militar. Ele também passou a dialogar com alguns beneditinos que eram guiados pelo Abade Dom Timóteo Amoroso Anastácio³. Dessa confluência resultou a formação do Grupo Moisés, composto por religiosos de diferentes nacionalidades, tendo também a

³ Dom Timóteo Amoroso Anastácio, 77º abade do Mosteiro de São Bento em Salvador, desde 1965 até 1981, ele marcou a história baiana não só pelo seu posicionamento frente ao Regime Militar, mas também por pensar numa liturgia mais próxima à cultura negra. Para maior aprofundamento ler: CARVALHO NETO, Joviniano (Org.) *D. Timóteo presença histórica*. Salvador, 1996 ou Trabalho de conclusão de curso de Everaldo de Jesus e Regina Bandeira *Por Amor aos meus irmãos. D. Timóteo, Profeta da Bahia*. FACOM/UFBA, 2002.

participação de um pastor e leigos, o objetivo desse grupo era oferecer resistência à ditadura a partir de uma experiência de fé. Foi nesse meio de discussões políticas e teológicas que Tonucci foi se aproximando da Teologia da Libertação.

A Igreja, por outro lado, vivenciava um forte conflito interno, pois apesar de ter declarado apoio ao Regime Militar e fazer movimentações nas ruas como o Movimento Tradição, Família e Propriedade (TFP)⁴ organizado pelos leigos, liderado por Plínio Correia de Oliveira, com o apoio dos grupos mais tradicionais, contava com o incentivo de líderes episcopais como Dom Antônio de Castro Mayer e Dom Geraldo de Proença Sigaud⁵. Havia, ainda, no interior da própria Igreja a chamada “esquerda católica”, que fazia grande pressão sobre os posicionamentos da Instituição perante o Estado e, ao mesmo tempo, atuava na organização de movimentos rurais e urbanos.

Desde o final dos anos de 1950 já era possível notar correntes diferentes no Brasil entre os bispos e o clero. Segundo Lowy (2000), no começo da década de 1960 passou a se formar a “esquerda católica” “sob influência da teologia francesa, da economia humanista do Padre Lebreton e do socialismo personalista de Emmanuel Mounier – bem como da Revolução Cubana” (p.136). Lowy afirma que esse segmento católico promoveu uma *radicalização* - uma seleção das posições mais avançadas nos textos franceses, uma incorporação, cada vez maior, de elementos marxistas e mudança radical de perspectiva, partindo do ponto de vista da periferia oprimida pelo sistema capitalista. “Essa radicalização estava associada às novas práticas sociais, culturais e políticas dos ativistas católicos: participação no movimento estudantil, muitas vezes em aliança com a esquerda secular, apoio às lutas sociais e compromisso com a educação popular.” (p.139).

Em meio essa disputa interna no seio da Igreja, foi criado, em 1961, o Movimento de Educação de Base, no Nordeste, tendo como referência o método de Paulo Freire. O intuito desse projeto era se colocar como uma opção frente à influência esquerdista.

⁴ Scott Mainwaring (2004) é referência para discutir o Movimento Tradição, Família e Propriedade.

⁵ Dom Geraldo de Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina, foi secretário do arcebispo Mons. Marcel Lefebvre, líder do *Coetus Internationalis Patrum*. Dom Antônio de Castro Mayer, bispo da Diocese de Campos, se tornou um secretário e companheiro fiel de Dom Geraldo de Proença Sigaud tendo uma forte participação no Concílio Vaticano II. (BEOZZO, 2005, p. 186-187)

Ainda quando o objetivo inicial de tais iniciativas parecia simplesmente complementar ao da hierarquia, de combater o marxismo, o materialismo, fazer crescer a influência cristã na sociedade, os vínculos criados produziam efeitos que alteravam o sentido original dessas práticas. (SADER, 1988, p. 150).

Tal experiência influenciou para a organização das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Sendo que o golpe militar de 1964 freou as ações populares da Igreja como, por exemplo, o MEB⁶. No entanto com a resolução do Concílio Vaticano II, ao enfatizar a Igreja como povo de Deus, a esquerda católica passou a fortalecer, cada vez mais, as ações junto aos CEBs. Ao mesmo tempo a perseguição aos agentes pastorais pelo regime militar também aumentou, tendo o seu auge em 1969 com a decretação do Ato Institucional nº5 – AI-5. As torturas e os assassinatos a presos políticos, leigos e padres afetam diretamente a Igreja.

As mudanças na organização das comissões e comunidades de base

interferiam também na própria organização interna da Igreja, alterando o funcionamento das paróquias e o papel dos vigários. De outro lado, as críticas feitas à organização social não se limitavam a questões secundárias, mas denunciavam os próprios fundamentos do sistema. Inspiravam-se em Medellín. (SADER, 1988, p. 152)

A Igreja estaria reconhecendo uma diversidade cultural que leva a diversidades na fé religiosa, reconhecendo a presença de Deus na religiosidade popular. Nesse processo de reavaliação as condições de vida mais humanas passam a fazer parte da libertação cristã, por compreender o humano como manifestação de Deus. Dentro desta perspectiva a Teologia da Libertação passa a ganhar forma e adeptos, fortalecendo as CEBs ao longo dos anos de 1970. De acordo com Iraneidson Costa (2007), essas mudanças decorrerem dentro de um processo de descentralização que se iniciou no pontificado de João XXIII (1958-1963), com o Concílio Vaticano II e dando continuidade com Sínodo dos Bispos de 1974 (sobre a evangelização no mundo moderno)⁷ no pontificado de Paulo IV (1963- 1978). No entanto o período de

⁶ MEB – Movimento de Educação de Base foi criado pelos leigos da Ação Católica em 1961, atuou no nordeste, e se inspirou no método Paulo Freire.

⁷ O Sínodo é uma instituição permanente criada pelo Papa Paulo VI em 1965, em resposta aos desejos dos Padres do Concílio Vaticano II em manter vivo o espírito de colegialidade. Daí sua denominação, que deriva dos termos gregos syn (que significa “juntos”) e hodos (“caminho”). Realizado sempre na Cidade do Vaticano, é formado por cerca de 250 bispos escolhidos das diversas regiões do mundo, os quais, reunidos em assembléia, auxiliam o papa no exame de questões referentes à ação da Igreja no mundo. Pode acontecer de três formas: Ordinário, de três em três anos; Extraordinário, para

descentralização durou pouco, o bloco integrista⁸ atuou fortemente no pontificado de João Paulo II:

O verbo logo se fez carne. Vários teólogos foram submetidos a processos e suas obras receberam censuras cada vez mais rigorosas (os casos do suíço Hans Küng, em 1979, do dominicano belga Edward Schillebeeckx, em 1980 e 1984, e do franciscano brasileiro Leonardo Boff, em 1985, são apenas os mais famosos entre muitos). Em termos da catequese, passa-se a adotar manuais de teologia mais confiáveis por parte do magistério oficial.

(...) a formação do clero se tornou mais fechada, predominando a tendência de recolher os seminaristas a recintos mais protegidos, retirando-os de Departamentos de Teologia de Universidades ou Institutos abertos para fazê-los estudar no interior de seminários. Não precisa dizer que a experiência de seminaristas vivendo em pequenas comunidades inseridas passou a ser fortemente desestimulada. Por fim, a hegemonia deste grupo foi assegurada por uma cuidadosa política de nomeações de arcebispos e cardeais⁹, somente alçando a posições de cúpula os bispos de confiança, bem como pelo esvaziamento e deslegitimação teológica das conferências episcopais em geral, mediante a interferência direta da Cúria romana nos assuntos internos das Igrejas particulares. (COSTA, 2007, p.30-31)

Mediante esse cenário é que se deu a Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano em Puebla. Com a chegada do novo Papa as disputas internas da Igreja se configuraram de outra maneira. Ocorreu a reafirmação da opção pelos pobres de maneira bem tímida, no entanto reinterpretando, ou até mesmo corrigindo, o que para os segmentos mais alinhados a concepção do Papa, seria os caminhos desviantes que foram afirmados em Medellín. A opção pela Igreja dos Pobres foi se tornando algo cada vez mais distante, se tal termo foi pouco usado em Puebla, treze anos depois em Santo Domingo (República Dominicana) nem apareceu nas discussões do CELAM (COSTA, 2007). Puebla surgiu em meio a uma grande recessão econômica, mas também numa fase de grande ascensão da Igreja Popular,

necessidades urgentes; e Especial, para determinada região. O primeiro ocorreu em 1967, quando se analisou a “Preservação e o fortalecimento da fé católica”, enquanto o Especial da América, de 1997, debruçou-se sobre o tema “Encontro com Jesus Cristo vivo: caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América”. Para a descrição de cada um dos Sínodos. Nota de Iraneidson Costa (2007, p.31).

⁸ Bloco integrista composto pelo Papa João Paulo II, a burocracia romana, os arcebispos e bispos ditos conservadores e o movimentos espiritualistas (Opus Dei, Focolares, Cursilhos, comunhão e Libertação, Legionários de Cristo, etc.), que defendem como exemplar a cristandade medieval. Vide em Costa, 2007, p.30.

⁹ Em menos de vinte anos, João Paulo II renovou substancialmente o episcopado, nomeando mais de dois terços dos 4.500 bispos em atividade no fim do século XX. Também no caso particular da Igreja brasileira ele imprimiu sua marca de maneira significativa: ao morrer, cinco dos oito cardeais e mais da metade dos bispos haviam sido nomeados por ele.

ao mesmo tempo numa esfera inicial de tentativa de mudanças das práticas da Igreja.

Como se percebe, é em meio a dúvidas e conflitos que Puebla se fazia Companhia na aurora dos 80. Não resta dúvida, no entanto, que uma autêntica Teologia dos Pobres insurgia-se em seu meio a partir daquela “encarnação gradativa”. (COSTA, 2007, p. 28)

Essa sucinta apresentação sobre a disputa interna que se firmava na Igreja e que se reproduziu no CELAM em Puebla, nos ajuda compreender em parte o cenário o qual foi construído o curso para formação dos Comunicadores de Puebla em La Ceja – Colômbia. Foi dentro deste contexto e da participação no curso que Padre Tonucci criou a HQ a qual vamos analisar.

História em Quadrinhos – *Abrir las Puertas a un nuevo Mundo: Puebla*

A HQ foi confeccionada em papel A4, grampeados, contendo alguns textos datilografados, sendo que a maioria das páginas é iniciada com frases datilografadas, seguidas por desenhos. Ela ainda apresenta uma pequena colagem que faz composição com alguns desenhos. O material está todo em preto e branco, contendo ao todo 30 páginas, não tendo uma publicação por editora, mas sendo reproduzido em mimeógrafo e distribuído entre amigos mais próximos segundo depoimento de Délia Boninsegna¹⁰.

O quadrinho possui uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Segundo Ramos (2010), os quadrinhos dialogam com recursos da ilustração, da caricatura, da pintura, da fotografia, da música, da poesia, da narrativa, do cinema, dos teatro, no entanto possuem elementos constituintes próprios de narrativas.

O espaço de ação é no interior de um quadrinho, o tempo da narrativa se dá num processo comparativo entre quadrinhos, ou dentro de uma só cena, as falas são produzidas em balões, representando o discurso direto ou indireto. Isso tudo se processa com auxílio de convenções que formam a linguagem dos quadrinhos. Sendo assim, podem-se destacar as características da linguagem dos quadrinhos: história em quadrinhos em sequência, ou tipo textual narrativo; apresentando ou não personagens

¹⁰Amiga e responsável pelos arquivos pessoais de Paulo Tonucci.

fixos; a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos; o rótulo, o formato e o veículo de publicação podem dar informação sobre o gênero do quadrinho; e o uso de imagens desenhadas ou a utilização de fotografias para composição das histórias. Diante disso, Maingueneau (2006) afirma que os quadrinhos seriam um hipergênero, o qual agrega diversos gêneros - como a charge, o cartum, a tira seriada, a tira cômica seriada e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos.

A história desenvolvida por Tonucci - *Abrir las Puertas a un nuevo Mundo: Puebla*, pode-se apontá-la como uma HQ por apresentar as seguintes características: a sequência de quadrinhos, o tipo textual narrativo na introdução de cada nova página e quadrinho; nos quadrinhos predomina as imagens desenhadas, mas recorre também a uma pequena colagem de fotografia para composição da história; assim como, apresenta personagens fixos.

A HQ de Tonucci inicia tratando da Colômbia em 1979. O país estava sobre o comando do então presidente Julio Cesar Turbay Ayala (1978-1982), este fazia parte da Frente Nacional que governava a Colômbia desde 1957. Esta Frente foi formada através de um acordo entre líderes civis e militares após a queda do regime militar comandado por Rojas Pinilla. O revezamento entre os partidos Liberal e Conservador foi um pacto coordenado pela Frente que impedia a participação de outros segmentos sociais, aprofundando assim a alta concentração de propriedade de terras. Diogo Dario (2010) afirma que o acordo garantia a autonomia na segurança interna para os militares não comprometendo suas operações com as disputas partidárias.

Os militares (...) polarizavam cada vez mais a sociedade, reforçando seu papel na demarcação da fronteira entre a competição política convencional e a subversão. Em 1980, mais de 8 mil colombianos estavam presos por motivos políticos - a maioria sendo julgada em tribunais militares. Durante esse período, houve um crescimento significativo dos desaparecimentos forçados e das alegações de torturas cometidas por oficiais militares relatadas pelas organizações de direitos humanos (AVILÉS, 2006, p. 42). Os anos 1980 foram marcados por uma gradativa subordinação dos militares à autoridade civil. Após o Estatuto de Segurança de Turbay Ayala (1978-1982), considerado por historiadores como Avilés (2006) e Palacios (2006) como o auge da repressão política na Colômbia (DARIO, 2010, p. 614)

Justamente em 1979, no ano em que Tonucci foi para La Ceja, a Colômbia vivia o início do auge da repressão militar e o sacerdote evidenciou sua impressão ao chegar a Bogotá, ressaltando a forte presença de policiais armados na chegada ao aeroporto. Ele brinca com a situação ao publicar o seguinte desenho (figura 1):

Nos días 14 de maio a 14 de julho, o CELAM organizou em La Ceja, cidade a 30 Km de Medellín, um curso sobre Puebla.
 A finalidade deste primeiro curso sobre Puebla era preparar aqueles que iriam transmitir em todos os países da América Latina a interpretação oficial - isto é da presença do CELAM - do documento final.
 De todos os países da América Latina - com exceção de Cuba, Haiti, Santo Domingos - chegaram a La Ceja os futuros transmissores de Puebla.
 O primeiro impacto para quem chega ao aeroporto de Bogotá é a presença maciça de policiais armados de metralhadoras (ou "metralleta" como dizem em castelhano).
 Se você pergunta porque tanta arma, lhe respondem que é para defender os cidadãos dos ladrões particularmente presentes nestas bandas.



2

Figura 1: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p. 2

No desenho ele é bem irônico ao inserir uma placa de hospitalidade no aeroporto que diz “Colômbia os saluda! País livre y Democrático. Reino próprio de los derechos humanos!!!”, cercada por policiais. Ao observarmos com mais cuidado o desenho, verificamos que os policiais estão sem rostos, apenas com feições cerradas, armados de metralhadora, homens sem peculiaridades. Ou melhor, são policiais, são a repressão e, neste caso, ela não possui distinção entre eles. Segundo Tonucci, “Se você pergunta por que tanta arma, lhe respondem que é para defender os cidadãos dos ladrões particularmente presentes nestas bandas.”

Indiretamente ele questiona: como pode um país que se proclama livre, democrático e cumpridor dos direitos humanos necessita, apesar de tudo, de um forte aparato repressor em um dos portais de entrada da capital? Que sociedade tão livre e democrática é essa que existem ladrões altamente perigosos a ponto de se exigir a presença de um grande número de policiais armados de metralhadora no aeroporto? Ao ver a imagem conclui-se que algo de contraditório existe.

Depois desse quadro, Tonucci faz um pequeno texto expondo a sua análise sobre o momento político pelo qual passava a Colômbia em 1979. Ele relata que a estrutura do curso em La Ceja impedia certo convívio social, sem acesso a biblioteca, tendo apenas um jornal. Mesmo assim afirma que ele e outros conseguiram compreender o que se passava na Colômbia, onde a hegemonia do capital financeiro e das multinacionais estava bem presentes e atuantes no país.

Prossegue ainda afirmando que havia um pequeno grupo de famílias que

impunha seus interesses na política nacional. Apresenta dados de desemprego, dos índices de abstenção na votação, do crescente movimento reivindicativo de massas e destaca a presença da guerrilha, dando exemplo do M-19¹¹, argumentando inclusive que o estado de sítio era institucionalizado.

O sacerdote critica a tentativa da Igreja colombiana, através do arcebispo Lopez Trujillo, em apresentar uma unidade episcopal e uma tranquilidade social. Ao mesmo tempo relata que havia alguns bispos e os grupos de pastoral denunciando as torturas e as violações dos direitos humanos.

Em seguida ele apresenta um dos desenhos mais marcantes deste caderno (figura 2):

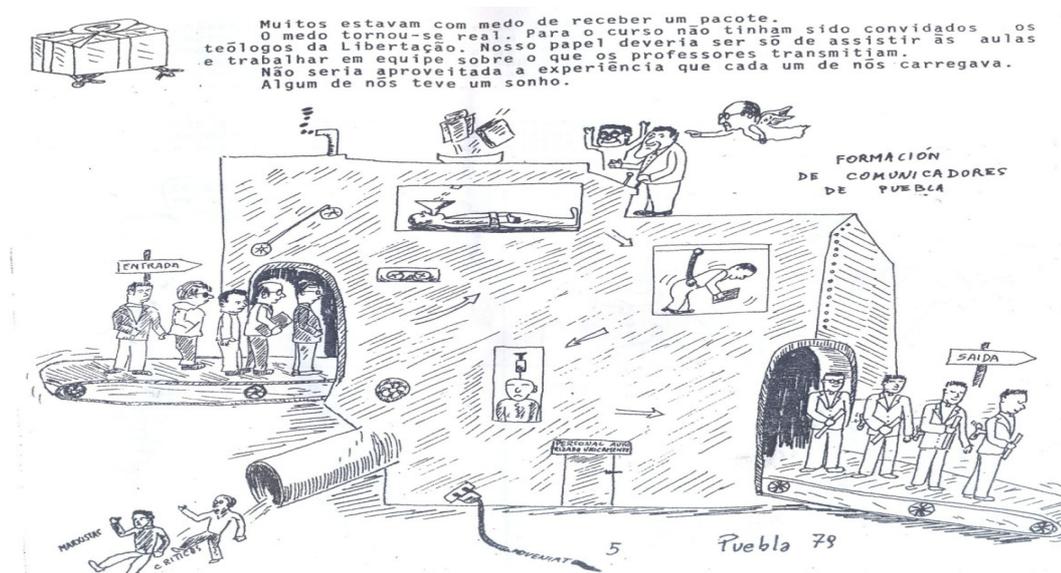


Figura 2: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p. 5

O autor inicia alegando que muitos colegas estavam receosos em receber um pacote de informações, sendo meros espectadores das aulas. Segundo Tonucci, um dos temerosos em ser empacotado teria tido um sonho que deu fruto ao desenho, onde retrata o processo de formação dos comunicadores de Puebla, fazendo uma analogia a uma máquina produtora de clérigos movidos a corda. Nessa analogia os religiosos entram com suas diferenças, com sua personalidade e são encaminhados para departamentos que são obrigados a “engolir” e a ler apenas os escritos definidos

¹¹ Movimento 19 de Abril - guerrilha urbana que surgiu nos anos de 1970.

pelo curso, sendo diretamente dopados pelo cérebro.

Como toda máquina tem descarte na sua produção, Tonucci coloca os marxistas e críticos como produtos rejeitados pelo curso. E quem manuseava tudo isso era o Monsenhor Lozano, inspirado pelo “anjo” Lopez Trujillo. Toda a energia que mantinha a máquina ligada era a financiadora Adveniat¹². Ao final, Tonucci questiona o leitor se tudo seria “sonho ou realidade?”.

O desenho nos remete a um trecho do filme “The Wall” lançado em 1982, produzido em cima do álbum de mesmo nome da banda de rock britânica Pink Floyd. “Another Brick in the Wall”¹³ é uma das músicas do álbum que faz críticas ao rígido sistema educacional, um trecho desta música no filme trata de alguns estudantes sendo encaminhados dentro de uma esteira de uma fábrica para uma máquina moedora, onde cada uma deles sem rosto é transformado em carne moída, homogênea. A convergência tanto da música/filme quanto do desenho de Tonucci se deu na crítica ao processo coercitivo, manipulador, modelador e homogeneizador do sistema de formação. Entretanto, devemos ponderar essa aproximação, afinal a música/filme do Pink Floyd se manifesta contra ao sistema educacional engendrado no Reino Unido, já Tonucci está sendo mordaz ao processo formador de opinião aplicado pelo grupo dominante da Igreja Católica.

Apesar de Tonucci não ter visto o filme do Pink Floyd antes de desenhar a tal máquina de sacerdotes movidos a manivela, essa aproximação ajuda a vislumbrar uma insatisfação presente na sociedade diante da forte perspectiva estruturalista de educação e formação. Esse constrangimento não era geral, mas havia notas dissonantes que se manifestavam em meio ao coral, no momento de fazer alusões ao processo que se perpetrava.

Outro exemplo que criticava o estruturalismo, mas não retratava o processo de educação ou formação, no entanto fez alusões às máquinas, foi a crítica proferida por Thompson a perspectiva de estruturalismo fechado, encerrado de Althusser¹⁴. Ele expôs imagens de um planetário e motor fazendo uma alegoria a visão de base,

¹² Organização não Governamental – ONG- ligada a Igreja Católica, que recebe doações particulares, de empresas tanto da Europa quanto dos E.U.A.

¹³ A composição é de autoria do músico Roger Waters mentor também do filme “The Wall”.

¹⁴ O livro que está sendo retratado é *A miséria da teoria: ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

superestrutura e luta de classes de Althusser. Apesar de Thompson está tratando de discussões teóricas não relacionadas diretamente a educação, mas há uma associação do estruturalismo e seu enrijecimento ao funcionamento de uma máquina, o que se vê presente também nas críticas formuladas por Tonucci e Roger Waters.

Ao apontarmos essa aproximação, elencamos os seguintes pontos: Paulo Tonucci, Roger Waters e E. P. Thompson são europeus contemporâneos, os dois últimos ingleses, sendo que Thompson é o mais velho, tendo uma diferença de, no máximo, 18 anos. Em 1979, Roger Waters lançou a música junto ao grupo Pink Floyd; em 1978, E. P. Thompson publicou o seu livro sobre o pensamento de Althusser; e Paulo Tonucci, no Brasil, escreveu a sua HQ em 1979. Cada um dentro de suas perspectivas e experiências criticam os esquemas estruturalistas associando às máquinas homogeneizadoras que refutam a diversidade e experimentação. Os três viveram, cada um com sua particularidade condizente a sua idade e aonde moravam após a Segunda Guerra Mundial. O que, com certeza, não é o suficiente para afirmarmos que compartilhavam as mesmas experiências e vivências, mas podemos ao menos encaminhar no campo da reflexão que ambos, contemporaneamente, viviam numa Europa onde surgia, de maneira aleatória, reações aos enquadramentos rígidos e fechados do Estado, da política, da educação. Assim, cada qual dentro dos seus universos de experiências, que se encontravam e se distanciavam em alguns aspectos, interpretavam e refletiam essa circularidade cultural que envolvia a Europa, inserida nas transformações políticas ocorridas a partir da Guerra Fria, questionamentos ao Stalinismo e ao capitalismo.

Essa comparação não tem como objetivo afirmar o quanto Tonucci, Waters e Thompson são próximos. Mas expor que a insatisfação e crítica de Tonucci ao modo como o segmento dominante da Igreja combatia a Teologia da Libertação seguia o raciocínio do Estado europeu diante da educação, ou, até mesmo, coadunava em alguns aspectos com uma das análises teóricas marxistas da época.

As críticas de Tonucci são firmes e contundentes, não sendo diferentes quando tecem comentários a respeito de clérigos que estão mais preocupados com a carreira, principalmente para se tornarem bispos. Em um dos quadrinhos (figura 3) ele expõe que para se tornar bispo era necessário respeitar três elementos básicos: 1º

Boas relações com as autoridades – e no caso retratado seria com os militares; 2º Fidelidade à hierarquia – respeitando veementemente o Papa; e o 3º Celibato aparente – onde está proibido em pensar nas mulheres. Nesse desenho ele apresenta questionamentos muito polêmicos no universo da Igreja Católica, tanto na relação com o Estado quanto a assuntos mais internos. Hierarquia e celibato são exemplos de temas controversos até mesmo entre os adeptos da Teologia da Libertação.



Figura 3: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p. 6

Na página seguinte a preocupação com a ascensão na carreira é exemplificada com Alfonso Lopez Trujillo que conseguiu se tornar bispo auxiliar da Arquidiocese de Bogotá em 1970, secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM em 1971 e, depois, promovido, em 1979, a Arcebispo da Arquidiocese de Medellín. A crítica sobre a necessidade em seguir determinados preceitos para se tornar bispo ou, até mesmo, um cardeal, como foi o caso de Lopez Trujillo em 1983, evidencia uma discussão já registrada por pesquisadores da História da Religião em torno do processo de crescimento e refluxo dos adeptos da Teologia da Libertação. Iraneidson Costa explicita tal situação ao afirmar:

a hegemonia deste grupo (bloco integrista¹⁵) foi assegurada por uma cuidadosa política de nomeações de arcebispos e cardeais¹⁶, somente

¹⁵ Bloco integrista composto pelo Papa João Paulo II, a burocracia romana, os arcebispos e bispos ditos conservadores e o movimentos espiritualistas (Opus Dei, Focolares, Cursilhos, comunhão e

alçando a posições de cúpula os bispos de confiança, bem como pelo esvaziamento e deslegitimação teológica das conferências episcopais em geral, mediante a interferência direta da Cúria romana nos assuntos internos das Igrejas particulares (2007, p. 31)

Daí pode-se notar que já existia certa consciência por parte dos clérigos, a exemplo de Tonucci, de uma política de atuação do grupo dominante ligado a João Paulo II em promover o enfraquecimento dos adeptos da Teologia da Libertação por dentro da hierarquia da Igreja. Como o curso de formação dos comunicadores de Puebla estava sendo orientado por Dom Alfonso Lopez Trujillo, homem de confiança do Papa, deduz-se que este fazia parte de um “pacote” de desmobilização em torno de pensamentos abertos a uma nova cultura e prática cristã.

Dentro desta perspectiva de desmobilização, ao longo do curso as palavras mais repetidas, segundo Tonucci, eram marxismo, comunismo, luta de classes, não com o intuito de reverenciá-las, mas, sim, combatê-las. O autor da HQ desfiou, ironicamente, a batalha que os palestrantes se propuseram, ao referendar o comunismo e o marxismo como algo condenável para concepção cristã. Nestes desenhos Trujillo sempre está presente enfatizando os males do marxismo. Na figura 4, o Tio Sam aparece andando sobre a América Latina empurrando um carrinho de mão carregado de sacos e dizendo – “Enquanto eles miram o perigo eu exploro”.

Neste mesmo quadro o autor mostra uma pessoa sendo agredida e chamada de comunista por não se voltar apenas para o que a Igreja aponta.

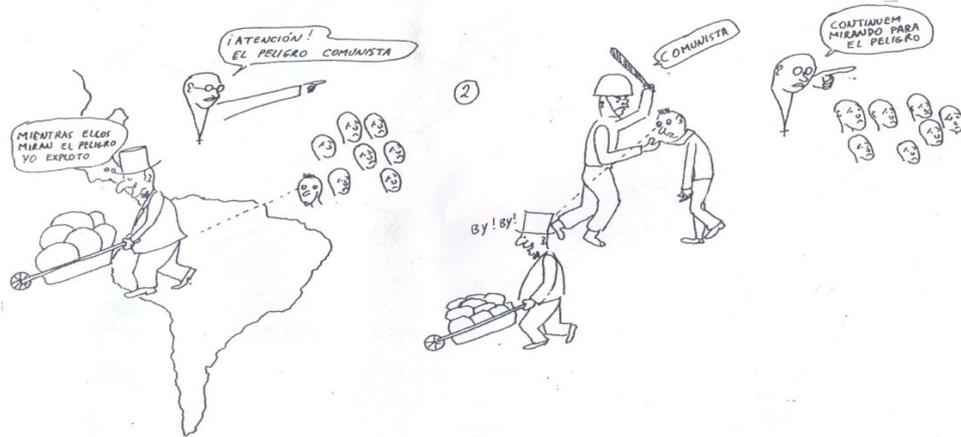
Libertação, Legionários de Cristo, etc.), que defendem como exemplar a cristandade medieval. Vide em Costa, 2007, p.30.

¹⁶ “Em menos de vinte anos, João Paulo II renovou substancialmente o episcopado, nomeando mais de dois terços dos 4.500 bispos em atividade no fim do século XX. Também no caso particular da Igreja brasileira ele imprimiu sua marca de maneira significativa: ao morrer, cinco dos oito cardeais e mais da metade dos bispos haviam sido nomeados por ele.” Idem, p. 31.

M A R X I S M O foi a palavra mais usada no curso.

para combatê-lo, naturalmente

O perigo comunista teve uma presença marcante em todas as palestras.



8

Figura 4: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p.

Tudo é bom para combater a "luta de classe".....



8

12

Figura 5: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p. 12

Já na figura 5, Trujillo aparece se contrapondo à luta de classes e reconhece a existência de influências externas que difundem ideologias espúrias de luta, no entanto, um clérigo, não especificado, o contesta ao apresentar Tio Sam montado nas suas costas e afirma que “Se não luto continuo sendo escravo”. Trujillo rebate “Meu

filho, não podes... tu não deves lutar, deves colaborar. Deus não quer violência”, no último quadro, desta página, Jesus na cruz diz: “Eu nunca disse isso”. Na figura 6, Tio Sam aparece como financiador de Puebla: novamente, Trujillo explica que o segredo de Puebla é o combate ao marxismo e o capitalismo, propondo uma terceira via que seria o humanismo cristão. De acordo com o quadrinho de Tonucci, Trujillo estaria derramando água benta em Tio Sam e este estaria fazendo doações ao mesmo.

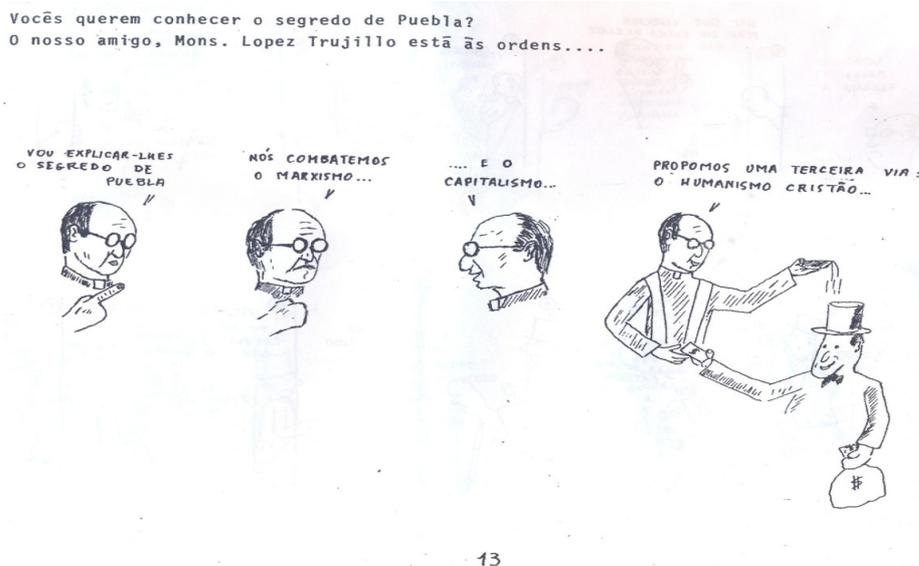


Figura 6: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p. 13

Nesses três quadros, se destaca a exploração dos Estados Unidos sobre a América Latina. No entanto, pode se acrescentar que o personagem Tio Sam não representa apenas os Estados Unidos, mas o sistema capitalista e que para se “libertar” da condição de subalternização é preciso “lutar”, pois a luta de classes já existe. Nota-se também que o personagem Trujillo se configura como um representante de um grupo¹⁷ maior, onde a Igreja estimula a rejeição ao comunismo dissimulando as pessoas a não se atentarem ao processo de luta de classes, a repressão e a exploração capitalista.

Em outras palavras, a Igreja do Humanismo Cristão abençoava o sistema, ao mesmo tempo em que se beneficia dele, optando assim pela manutenção da opressão

¹⁷ Não está nomeado como integrista, pois tal termo foi criado muito tempo depois da confecção deste caderno. Pode se afirmar neste HQ é que Trujillo representa um segmento de alto escalão da Igreja que se opõe a Teologia da Libertação.

e da exploração. Um exemplo sobre essa opção se apresenta na página 21 (figura 7), no qual Tonucci faz a seguinte introdução: “O importante é que todos compreendam o que é verdadeiramente evangelização. Evangelização é libertação.... Mas que tipo de libertação?”, em seguida no primeiro ato, Tio Sam está montado sobre um homem, com uma fisionomia de sofrimento, Trujillo discursa que evangelizar é libertação; no segundo ato, o homem, já com o rosto de felicidade e força, se levanta e derruba Tio Sam que se queixa; no terceiro e quarto ato, o clérigo argumenta que a libertação não é isso e que não deve ter luta de classe; e no quinto e último ato, o homem, novamente, se curva, com o semblante de humilhação, e ouve palavras do Tio Sam e de Trujillo afirmando que esta sim é verdadeira colaboração, comunhão e participação e ao final Trujillo ressalta ao Tio Sam que “não use chicote e que não deve se esquecer do leite para as crianças”.

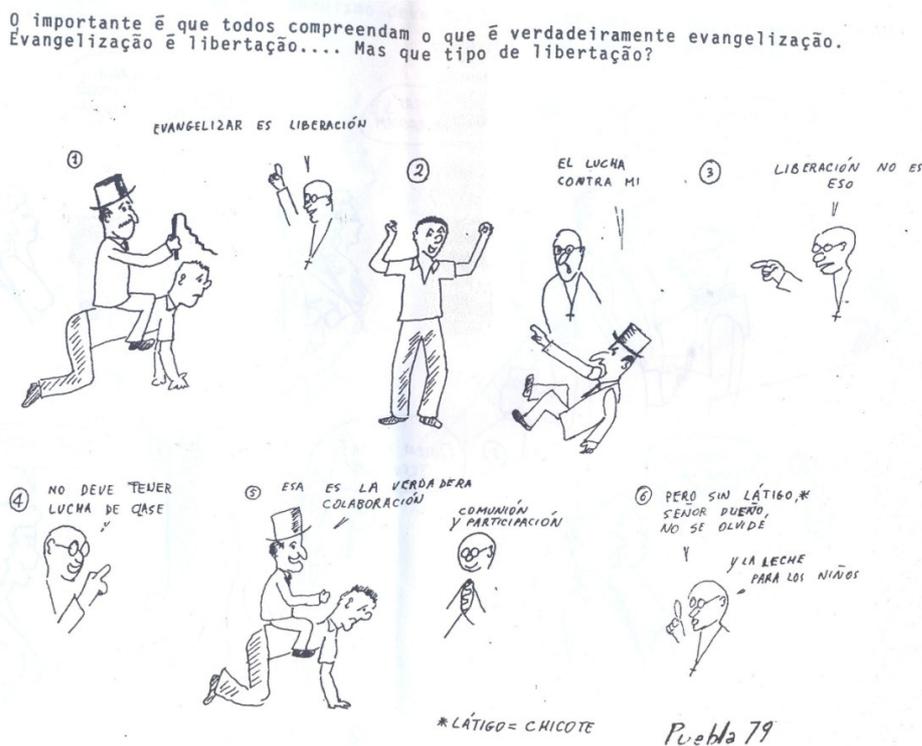


Figura 7: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p. 21

Tonucci também se preocupou em destacar os discursos proferidos por Trujillo e outros onde se mostravam críticos a presença de multinacionais nos países

latino-americanos, ou até mesmo a doutrina de segurança nacional (figura 8). No entanto, sob o olhar de Tonucci, eram críticas que possuíam pormenores que amorteciam o teor nevrálgico das questões. Essa postura garantia uma autonomia que permitia criticar algumas posições políticas ditadas pelo Tio Sam, apesar de serem contrários à noção de luta de classes, o que o distanciavam dos adeptos da teologia da libertação. Para eles, segundo Tonucci, a solução para todos os problemas se encontra com o Super-Homem dos cristãos – João Paulo II, onde era retratado com uma colagem do super herói com o rosto do Papa (figura 9).

Para conservar uma certa independência frente às pressões externas da esquerda, precisa-se de muito jeito.
Vejam só, uma simples tradução pode resolver situações melindrosas como a do nº 549 do Documento.

" A DOCTRINA DA SEGURANÇA NACIONAL SE OPÕE A UMA VISÃO CRISTÃ DO HOMEM.... "



ESTO NO ME GUSTA



NO TEMAS VOY A TRADUCIRLO



ES FORMIDABLE ALFONSO

Um simples "muchas veces" já melhora o nº 66

LA PRESENCIA DE CONGLOMERADOS MULTINACIONALES QUE...



... MUCHAS VECES...



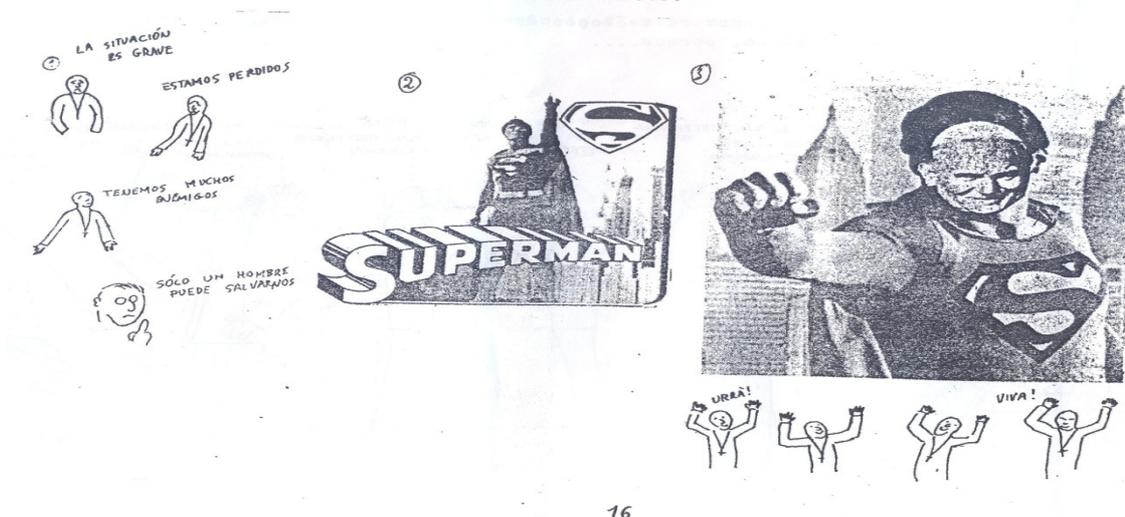
" LA DOCTRINA DE LA SEGURIDAD NACIONAL ENTENDIDA COMO IDEOLOGIA ABSOLUTA, NO SE ARMONIZARÍA CON UNA VISIÓN CRISTIANA DEL HOMBRE... "

... VELAN SOLO POR SUS PROPIOS INTERESES A COSTA DEL BIEN DEL PAÍS QUE LOS AGOGE... "



Figura 8: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" p. 14

Para tanto nós precisamos de autênticos heróis.



16

Figura 9: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a um nuevo mundo: Puebla" p. 16

Tonucci procurava construir a sua HQ de forma bem-humorada e crítica ao posicionamento engendrado pelos organizadores do curso de formação dos comunicadores de Puebla. Um dos motes do curso foi a tentativa de desqualificação do marxismo, da luta de classes e o caráter depreciativo em ser comunista, objetivando a desqualificação da Teologia da Libertação paulatinamente, algo compartilhado e incentivado por segmentos diretivos da Igreja.

A HQ expressa como alguns clérigos já tinham noção da maneira como as ações do segmento dominante da Igreja estavam sendo conduzidas. Mas apesar disso Tonucci e outros ainda persistiam:

Apesar de toda estrutura montada, apesar dos pacotes e das máquinas para a formação de "intérpretes autênticos" de Puebla, o curso deu-nos oportunidades de um verdadeiro encontro, com troca de informação.

Descobrimos que, apesar dos Kloppenburg, Lopez Trujillo, Guaraccino e Lozano, há muitos na América Latina que estão comprometidos com uma verdadeira libertação.

A luta do povo de Nicarágua animou nossa esperança de que conseguiremos construir novo céu e nova terra.

Por tudo isso – apesar das intenções – a todo o pessoal do CELAM o nosso muito obrigado. (TONUCCI, p.29)

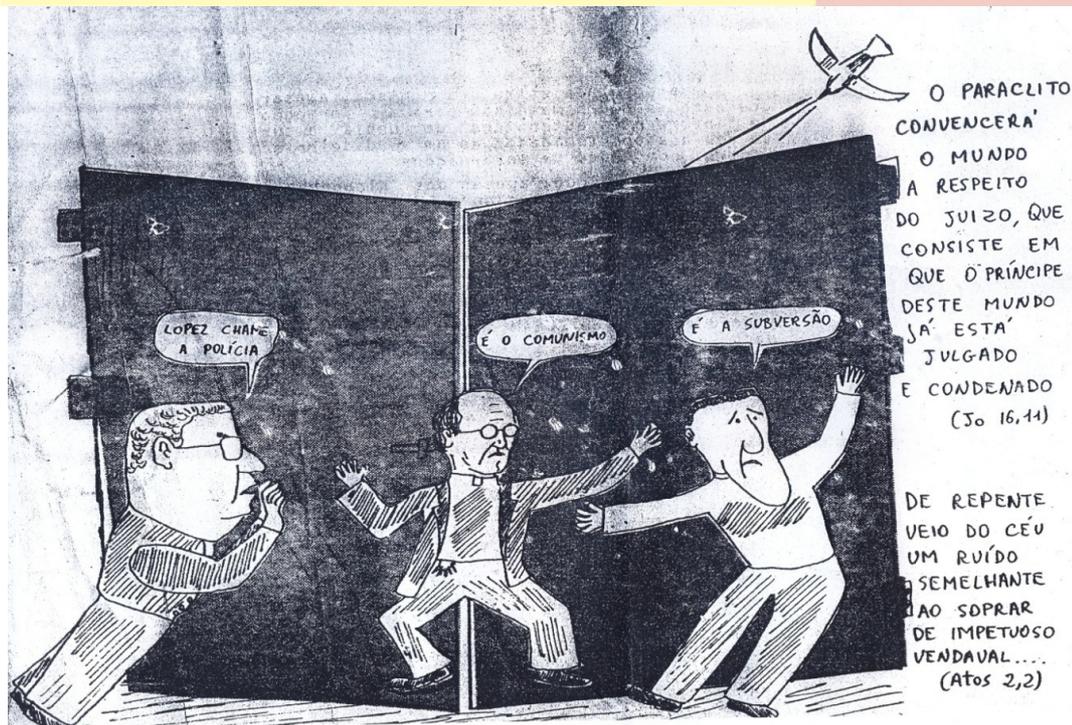


Figura 10: Tonucci, Paulo. "Abrir las puertas a um nuevo mundo: Puebla" p. 30

Tonucci finaliza a HQ com a imagem do “Espírito Santo” forçando abrir as portas de Puebla para um novo mundo (figura 10). Metaforicamente Puebla não ficaria cerrada para um novo mundo ou uma nova perspectiva de mundo. Esse entusiasmo ganhou força e persistiu principalmente com a experiência da Nicarágua – a Revolução Sandinista “tinha se tornado um poderoso exemplo que inspirou toda uma geração de militantes cristãos.” (LOWY, 2000, p. 204).

A HQ foi uma expressão bem humorada, crítica às práticas políticas da Igreja do grupo dominante e, principalmente, uma reivindicação que apesar de tudo os seguidores da Teologia da Libertação ainda persistiriam na sua concepção e prática.

REFERÊNCIAS

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTA, Iraneidson Santos. *Que PaPo é esse?: intelectuais religiosos e classes exploradoras no Brasil. (1974-1985)*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social - UFBA, 2007.

DARIO, Diogo Monteiro. “A legitimidade da política de segurança democrática e a

doutrina de segurança nacional na Colômbia”. *Contexto Internacional* – vol 32, n. 2, julho/dezembro de 2010.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HENFIL. *Fradim da Libertação*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA, Gisele *Movimento Baixa do Marotinho: A luta pela moradia em Salvador (1974-1976)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, UFBA, 2009.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: contexto, 2010.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria. Ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.